

LISA JEWELL

NADA
DISTO
É VERDADE

TRADUÇÃO
CARMEN SARAIVA

 Planeta

PRÓLOGO

Abandonar aos tropeções o ambiente fresco com ar condicionado do *foyer* do hotel e ser confrontado com o calor húmido da noite não ajuda a torná-lo mais sóbrio. Fá-lo sentir-se em pânico e claustrofóbico. O suor, que parece ser puro álcool, forma-se rapidamente sobre a sua pele, deixando-lhe as costas molhadas. Como é possível estar tanto calor às três da manhã? E onde está ela? Onde está ela? Vira-se para verificar se a rapariga está atrás de si, e vê-a em duplicado, distorcida, através das janelas do hotel. Depois apercebe-se de um carro a fazer sinal para encostar e o seu ritmo cardíaco começa a abrandar. Ela chegou. Finalmente. Graças a Deus. Esta noite terrível está a chegar ao fim. Semicerra os olhos para focar a imagem, para procurar no banco do condutor algum vislumbre do seu cabelo louro-platinado que o deixe mais tranquilo, mas não está lá. A janela de vidro baixa e ele recua ligeiramente.

– O quê? – diz ele à mulher de cabelo negro ao volante. – O que estás aqui a fazer? Onde está a minha mulher?

– Está tudo bem – diz a mulher. – Ela mandou-me cá. Bebeu demais. Pediu-me para te levar a casa. Anda. Entra no carro.

Ele olha para trás em busca da rapariga e vê que abandona o hotel a caminhar em passo apressado na direção oposta, com a sua mala bem apertada junto ao corpo.

– Tenho água. Tenho café. Anda. Estás em casa em menos de nada.

O cão ao colo dela rosna-lhe suavemente quando ele se senta no banco do passageiro.

– Pensava que tinhas partido – diz ele, tentando encontrar o cinto de segurança atrás de si. – Pensava que tinhas ido embora.

A mulher sorri-lhe enquanto desenrosca a tampa de uma garrafa de água e lha estende.

– Sim – diz ela. – Tinha. Mas ela precisou de mim. Por isso, seja como for, bebe isso. Bebe isso tudo.

Ele leva a garrafa à sua boca seca, tão seca, e bebe tudo de um trago. Depois fecha os olhos e espera até chegar a casa.

Primeira parte

Em maio na Netflix:
Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!

Dos criadores de *The Monster Next Door* e *The Serial Date Swindler*, trazemos-lhe algo inédito. Um *podcast* inserido num documentário, uma espécie de «podumentário», se quiser. Em junho de 2019, a famosa *podcaster* Alix Summer, mais conhecida pela sua série de *podcast* sobre mulheres de sucesso, *Plenamente Mulher*, dedicou-se a um projeto único, ao qual chamou *Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!*, sobre uma mulher da sua comunidade que partilhava consigo o mesmo dia de aniversário. À medida que o projeto se desenvolvia, Summer começou a descobrir muito mais acerca da sua modesta vizinha do que alguma vez imaginara. Em poucas semanas, a vida de Summer ficou despedaçada e duas pessoas tinham morrido. Material absolutamente arrepiante, com alguns vislumbres chocantes dos aspetos mais sombrios da humanidade: garantimos que irá assistir a todos os episódios de uma vez só.

Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!

UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

O ecrã está negro. Lentamente surge o interior de um estúdio de gravação.

Surge o texto no ecrã:

Gravação do podcast de Alix Summer, 20 de junho de 2019

Ouve-se suavemente a voz de uma mulher.

– Estás confortável, Josie?

– Sim. Estou bem.

– Ótimo. Bom. Enquanto vou ajustando tudo, por que não me dizes o que comeste esta manhã ao pequeno-almoço?

– Oh! Hum...

– Só para testar a qualidade do som.

– Certo. *OK.* Bom, comi torradas. Duas fatias. Uma com compota. Outra com manteiga de amendoim. E uma caneca de chá. Daquele chique do Marks. Da caixa dourada.

– Com leite?

– Sim. Com leite.

Há uma pequena pausa.

A câmara gira em torno do estúdio de gravação, focando alguns detalhes: as linhas sobem e descem no monitor, um par de headphones abandonados, uma chávena de café vazia.

– Como está? Está bom?

– Sim. Está perfeito. Tudo pronto. Vou fazer uma contagem decrescente a partir do três e depois apresento-te. *OK?*

– Sim. *OK.*

– Ótimo. Então... três... dois... um... Olá, e sejam bem-vindos! O meu nome é Alix Summer e tenho para si algo diferente...

O som desvanece e a imagem volta a escurecer.

Começam os créditos de abertura.

Sábado, 8 de junho de 2019

Josie consegue sentir o desconforto do marido quando entram e se deixam envolver pelo brilho dourado do *gastropub*. Ela já passara à porta deste sítio centenas de vezes. Pensara: *Não é para nós*. Toda a gente é muito jovem. Na ardósia na parte de fora estava escrito o nome de comida da qual nunca ouvira falar. *O que é butarga?* Mas este ano o seu aniversário calhara num sábado e ela não respondera: «Oh! Irmos buscar comida e uma garrafa de vinho serve perfeitamente», quando Walter lhe perguntara o que ela queria fazer. Este ano ela pensara no brilho amarelado do Lansdowne, no burburinho das conversas, no champanhe em baldes de gelo nas mesas exteriores em dias de verão e na pequena quantia que a sua avó lhe deixara no mês passado em testamento, olhara para si mesma no espelho tentando ver-se como o tipo de pessoa que celebrava o aniversário num *gastropub* em Queen's Park e dissera:

– Devíamos ir jantar fora.

– OK – dissera Walter. – Tens algum sítio em mente?

– O Lansdowne. Tu sabes. Na Salusbury Road – dissera ela.

Ele erguera simplesmente uma sobancelha e dissera:

– O aniversário é teu. Tu é que escolhes.

Ele abre-lhe a porta e ela entra. Permanecem por momentos junto a uma placa que diz: *Por favor, aguarde que lhe indiquem a sua mesa*. Josie olha em volta para os clientes que jantam e bebem ao final da tarde, com a sua mala bem segura pelos braços junto ao corpo.

– Fair – diz ela ao jovem que aparece a segurar um bloco de notas.

– Josie. Mesa reservada para as sete e meia.

Ele sorri para ela e para Walter, e diz:

– Para dois, certo?

São levados para uma mesa agradável num canto da sala. Walter senta-se numa banquetta, Josie numa cadeira de veludo. São-lhes entregues os *menus* presos numa tábua. Nesse dia ela já tinha verificado o *menu online*, para poder ir ao Google pesquisar alguma coisa que desconhecesse, por isso já sabe o que vai comer. E vão pedir champanhe. Ela não quer saber da opinião de Walter.

Uma entrada espalhafatosa no *pub* chama a sua atenção. Uma mulher entra a segurar um balão onde se leem as palavras *Birthday Queen*. Tem o cabelo louro-platinado, num corte que lhe dá um movimento fluído. Veste calças largas e um *top* composto por duas tiras de tecido preto presas por cordões. A sua pele está bronzeada. O sorriso é desafogado. Um grupo segue-a, pessoas da mesma idade; alguém segura um buquê de flores; outra pessoa carrega uma série de sacos de presente elegantes.

– Alix Summer! – diz a mulher, projetando o tom de voz. – Mesa para catorze.

– Olha – diz Walter, tocando-lhe ao de leve. – Outra aniversariante. Josie anui distraidamente.

– Sim – diz ela. – É o que parece.

O grupo segue o empregado até uma mesa mesmo em frente a Josie. Ela repara que há três baldes de gelo já sobre a mesa, cada um contendo duas garrafas de champanhe gelado. Todos se sentam ruidosamente, discutindo em voz alta sobre quem se deve sentar onde e não querendo ficar sentadas junto aos maridos, por amor de Deus. A mulher que se chama Alix Summer vai orientando todos com o seu enorme sorriso enquanto um homem alto e ruivo, que é provavelmente o seu marido, tira o balão da mão dela e o prende às costas de uma cadeira. Depressa todos estão sentados, e as primeiras garrafas de champanhe são abertas e o líquido derramado em catorze copos, erguidos por catorze pessoas com braços bronzeados e pulseiras de ouro e mangas de camisa brancas. Todos juntam os copos num brinde, aqueles mais ao fundo da mesa levantam-se para chegar mais perto, e todos dizem: «À Alix! Feliz aniversário!»

Josie observa a mulher.

– Que idade achas que ela tem? – pergunta a Walter.

– Jesus. Não sei. Hoje em dia é difícil dizer. Quarenta e poucos, talvez?

Josie concorda. Hoje é o seu quadragésimo quinto aniversário. Parece difícil de acreditar. Outrora tinha sido jovem e pensara que os quarenta e cinco demorariam a chegar. Pensara que os quarenta e cinco seriam outra vida. Mas chegaram depressa e não são o que ela imaginara. Ela olha para Walter, para esta versão apagada, e pergunta-se quão diferentes teriam sido as coisas se não o tivesse conhecido.

Tinha treze anos quando se conheceram. Ele era um pouco mais velho do que ela; bom, *muito* mais velho do que ela, aliás. Toda a gente ficou em choque na altura, menos ela. Casaram quando ela tinha dezanove anos. Teve um bebé aos vinte e dois. Outro aos vinte e quatro. Uma vida vivida a correr e agora, aparentemente, ela deveria estar no auge e lentamente a ressurgir satisfeita do outro lado, mas não parece alguma vez ter havido um auge, ao invés disso, um abismo formado pelo trauma que ela continua a alimentar de forma ininterrupta e que lhe causa nós no estômago.

Walter está agora reformado, o seu cabelo já se foi e muita da capacidade auditiva e visual também, o seu pico de meia-idade está tão distante no passado, e tão diluído no fervor da intensidade que foi criar crianças pequenas, que é quase impossível recordar-se de como ele era na idade dela.

Josie pede pão com queijo feta e tomate seco ao sol, seguido de atum *tagliata* («a palavra *TAGLIATA* deriva do verbo *TAGLIARE*, cortar») com puré de feijões *cannellini* e uma garrafa de Veuve Clicquot («a Yellow Label do Veuve Clicquot é apreciada pelo seu sabor rico e tostado»). Agarra a mão de Walter, passando o polegar sobre os sinais que surgem com o avançar da idade, e pergunta:

– Estás bem?

– Sim, claro. Estou ótimo.

– O que achas deste lugar, então?

– É... sim. É bom. Gosto.

Josie sorri.

– Que bom – diz ela. – Fico feliz.

Ela ergue a sua taça de champanhe e leva-a ao encontro da de Walter. Ele faz soar um brinde e diz:

– Feliz aniversário.

O sorriso mantém-se no rosto de Josie enquanto observa Alix Summer e o seu grande grupo de amigos, o seu marido ruivo com o braço descontraidamente pousado nas costas da sua cadeira, grandes travessas de carne e pão a serem trazidas para a mesa e colocadas na sua frente como se aparecessem do nada, o barulho que fazem, a forma como preenchem cada centímetro do espaço com as suas vozes e os seus gestos e as suas mãos e as suas palavras. A energia que emanam é efervescente, uma aurora boreal rodopiante e inebriante de um pedantismo glorioso e irritante. E ali, no meio de tudo, está Alix Summer com o seu enorme sorriso e os seus enormes dentes, o seu cabelo que reflete a luz, o seu colar dourado com um pendente que roça as suas clavículas brilhantes sempre que ela se move.

– Será que o dia de aniversário dela também é hoje? – comenta Josie.

– Talvez – diz Walter. – Mas é sábado, por isso nunca se sabe.

A mão de Josie pousa sobre a corrente que usa em torno do seu pescoço desde os trinta anos; o presente de aniversário que recebeu de Walter. Acha que talvez devesse acrescentar um pendente. Algo brilhante.

A esta altura, Walter passa sobre a mesa e na direção dela um pequeno presente.

– Não é nada de especial. Sei que disseste que não querias nada, mas não acreditei. – Ele sorri para ela e ela de volta. Abre o pequeno presente e retira um frasco de perfume Ted Baker.

– Adoro – diz ela. – Muito obrigada. – Ela inclina-se sobre a mesa e beija suavemente Walter na bochecha.

Na mesa oposta, Alix Summer está a abrir sacos de presente e cartões de felicitações e a agradecer aos seus amigos e família. Ela pousa sobre a mesa um cartão e Josie vê que tem o número 45 impresso. Ela toca em Walter.

– Olha – diz ela. – Quarenta e cinco. Fazemos os mesmos anos no mesmo dia.

Assim que as palavras saíram da sua boca, Josie é assolada pela sensação amarga de que a maior parte da sua vida passara por si a correr. Nunca antes tinha conseguido discernir este sentimento ou o que significava. Mas agora sabe.

Significa que ela está errada, que tudo, literalmente tudo, que a rodeia está errado e que ela está a ficar sem tempo para se corrigir.

Ela vê Alix a levantar-se e a dirigir-se aos lavabos, ela própria se levanta e diz:

– Vou à casa de banho.

Walter olha para cima, perplexo, interrompendo o seu presunto Parma com melão, mas não diz nada.

Pouco depois os reflexos de Josie e Alix estão lado a lado no espelho sobre os lavatórios.

– Olá! – diz Josie, a sua voz soando mais estridente do que imaginara. – Fazemos anos no mesmo dia!

– Oh! – diz Alix, com uma expressão imediatamente calorosa e recetiva. – Também faz anos hoje?

– Sim. Quarenta e cinco!

– Oh, uau! – diz Alix. – Eu também. Feliz aniversário!

– Para si também!

– A que horas nasceu?

– Céus – diz Josie. – Não faço ideia.

– Nem eu.

– Nasceu aqui perto?

– Sim. No hospital de Saint Mary. E você?

O coração de Josie fica em sobressalto.

– No Saint Mary também!

– Uau! – diz Alix de novo. – É assustador.

Os dedos de Alix dirigem-se ao pendente que tem em torno do pescoço e Josie vê que é uma abelha dourada. Está prestes a dizer algo mais sobre a coincidência dos seus aniversários quando a porta da casa de banho se abre e uma das amigas de Alix entra.

– Aqui estás tu! – diz a amiga. Está vestida com umas calças de ganga debotadas ao estilo anos setenta com um *top* que deixa os ombros a descoberto, e enormes brincos de argola.

– Zoe! Esta senhora faz anos no mesmo dia que eu! Esta é a minha mana mais velha, Zoe.

Josie sorri para Zoe e diz:

– Nascidas no mesmo dia, no mesmo hospital.

– Uau! É incrível – diz Zoe.

Depois Zoe e Alix divergem a conversa da Grande Coincidência e Josie vê imediatamente que já passou, este estranho momento de conexão, que foi fugaz e ligeiro para Alix, mas que por alguma razão carrega tanta importância e significado para Josie, e ela quer agarrá-lo e reavivá-lo novamente, mas não pode. Tem de voltar para o seu marido e para o seu pão e deixar que Alix volte para os seus amigos e para a sua festa. Ela profere um discreto «Então adeus» enquanto se vira para sair e Alix sorri e diz-lhe:

– Parabéns, mana de aniversário!

– Para si também! – diz Josie.

Mas Alix já não a ouve.

1h00

A cabeça de Alix está a andar à roda. *Cocktails* de tequila à meia-noite. Foi demasiado. Nathan está a servir-se de um uísque e o cheiro faz com que a cabeça de Alix rode ainda mais. A casa está em silêncio. Por vezes, quando contratam uma *babysitter* muito enérgica, as crianças ainda estão acordadas quando chegam a casa, inquietas e irritantemente despertas. Por vezes a televisão está ligada no volume máximo. Mas hoje não. A *babysitter* de voz calma com cinquenta e poucos anos já saiu há meia hora e a casa está arrumada, a máquina de lavar loiça a funcionar, a gata está a caminhar tranquilamente sobre o sofá na direção de Alix, a ronronar ainda antes de a mão de Alix pousar sequer sobre o seu pelo.

– Aquela mulher – diz ela a Nathan, puxando uma das garras da gata das suas calças. – Aquela que não parava de olhar. Ela veio à casa

de banho. Parece que também faz hoje quarenta e cinco anos. Era por isso que não parava de olhar.

– Ah! – diz Nathan. – Fazem anos no mesmo dia.

– E também nasceu no Saint Mary. É engraçado, sabes que sempre achei que era suposto haver duas de mim. Sempre me perguntei se a minha mãe teria deixado a outra no hospital. Será que é ela?

Nathan senta-se pesadamente ao seu lado e faz rolar dentro do seu copo de uísque uma solitária pedra de gelo, daquelas gigantes cilíndricas que faz com água mineral.

– Ela? – diz ele, pouco convencido. – Parece muito improvável.

– Por que não?

– Porque tu és linda e ela é...

– O quê? – Alix pressente o sentido de justiça a crescer no seu peito. Ela adora que Nathan pense que ela é bonita, mas também gostava que Nathan conseguisse ver a beleza nas mulheres menos convencionalmente atraentes. Denegrir a aparência das mulheres fá-lo soar superficial e misógino. E fá-la sentir que não gosta realmente dele. – Eu achei-a muito bonita. Sabes, aqueles olhos tão castanhos que são quase pretos. E aquele cabelo ondulado. Seja como for, é estranho, não é? A ideia de duas pessoas que nasceram no mesmo sítio, ao mesmo tempo.

– Nem por isso. Deve ter havido mais dez bebés nascidos naquele dia no Saint Mary. Talvez mais.

– Mas conhecer um deles. No dia de aniversário.

A gata está agora enroscada no colo dela. Ela passa as pontas dos dedos no amontoado de pelo do pescoço dela e fecha os olhos. A sala gira de novo. Ela abre os olhos, retira a gata do colo e corre até à casa de banho do corredor, onde vomita violentamente.

Domingo, 9 de junho

Josie acorda subitamente de um sonho muito ténue, um sonho tão superficial na sua consciência que quase consegue controlá-lo. Está em Lansdowne. Alix Summer está lá e chama-a para se sentar na sua mesa. A mesa está repleta de taças de fruta extravagantes. Os seus amigos vão-se embora. O *pub* está vazio. Alix e Josie sentam-se frente a frente, e Alix diz: «Preciso de ti.» E depois Josie acorda.

São os autocarros.

Os autocarros acordam-na sempre.

Moram mesmo ao lado de uma paragem de autocarro numa estrada movimentada e suja na interseção de Kilburn e Paddington. Os grandes casarões vitorianos desta rua foram construídos em 1876 por mercadores abastados, segundo um *website* de história local. A estrada chegara a ir dar às termas de Kilburn Priory e teria ecoado o som das rodas das carruagens e o bater das ferraduras dos cavalos. Atualmente, cada casarão da rua foi convertido numa amálgama de apartamentos e o exterior de estuque está manchado da cor dos jornais velhos devido ao trânsito infinito que passa tão perto. E os autocarros. Há três nesta rota e um deles passa ou para à sua porta em intervalos de poucos minutos. O assobio do sistema hidráulico quando encostam na paragem é tão estrondoso que por vezes o cão se acobarda nos cantos da casa.

Josie olha para as horas. São 8h12 da manhã. Abre as pesadas cortinas azuis-escuras e espreita para a rua. Está a poucos metros dos rostos das pessoas sentadas no interior do autocarro, todas alheias ao facto de haver uma mulher que as espia desde a janela do seu quarto. O cão vem ao seu encontro, e ela coloca a mão sob o seu focinho.

– Bom dia, *Fred*.

Está levemente ressecada. Bebera meia garrafa de champanhe na noite anterior e terminaram com Sambuca. Muito mais do que aquilo a que Josie está habituada a beber. Vai até à sala, onde Walter está sentado à mesa junto à janela que dá para a rua.

– Bom dia – diz ele, esboçando um pequeno sorriso antes de devolver a atenção ao ecrã do seu computador.

– Bom dia – responde ela, dirigindo-se à cozinha. – Deste comer ao cão?

– Dei sim, senhora. E também o levei à rua.

– Obrigada – diz ela calorosamente. *Fred* é o cão dela. Walter nunca quisera um cão, muito menos um cão tão pequeno como *Fred*, que é um pomchi. Ela responsabiliza-se totalmente por ele e fica grata a Walter sempre que ele faz algo para a ajudar.

Ela prepara torradas e uma caneca de chá e aninha-se no pequeno sofá ao canto da sala. Quando desbloqueia o telemóvel, percebe que pesquisara no Google o nome Alix Summer na noite anterior. Isso explica por que estava a sonhar com ela quando acordou.

Alix Summer, ao que parece, é uma *podcaster* e jornalista relativamente conhecida. Tem oito mil seguidores no Instagram e os mesmos no Twitter. Na sua biografia consta: «Mãe, jornalista, feminista, bisbilhoteira e perguntadora profissional, fanática de ioga falhada, moradora/apaixonada de Queen's Park.» Depois há uma hiperligação para o canal do seu *podcast*, que se chama *Plenamente Mulher*, onde entrevista mulheres de sucesso sobre o que é ser uma. Josie reconhece alguns dos nomes: uma atriz, uma pivô de notícias, uma desportista.

Começa a escutar um: uma mulher chamada Mari Le Jeune que gere um império global de beleza. A voz de Alix na introdução é como veludo e Josie consegue perceber a razão por que ela terá escolhido esta carreira em particular.

– O que estás a ouvir? – pergunta Walter.

– Só um *podcast*. É aquela mulher, a Alix, que conheci ontem no *pub*. A que faz anos no mesmo dia que eu. É o que ela faz – responde.

Ela continua a ouvir durante algum tempo. A mulher de nome Mari está a falar sobre o seu casamento numa idade precoce com um homem que a controlava. «Tudo o que eu fazia, tudo o que eu comia, tudo o que vestia. Ele colocou os meus filhos contra mim. Colocou os meus amigos contra mim. A minha vida era tão pequena, ele tomou o controlo dela e espremeu-me até não existir nem uma réstia de *mim*. E depois, em 2005, ele morreu, muito subitamente. E foi como se tivesse carregado no botão «reiniciar» da minha vida. Descobri que ao longo de todos aqueles anos negros com o meu marido, quando pensei que estava completamente sozinha no mundo, tinha havido nos bastidores um grupo de pessoas à espera de que eu voltasse para elas, sempre tinham estado lá. Elas ergueram-me do chão e levaram-me com elas.»

Depois regressa a voz de Alix. «E se o seu marido – e espero que isto não soe demasiado duro ou insensível – se ele não tivesse falecido tão jovem, que caminho acha que poderia ter seguido a sua vida? Acha que teria chegado onde está hoje? Acha que de alguma forma o seu sucesso, tudo o que alcançou, talvez tenha sido obra do destino? Ou acha que foi apenas a trágica morte do seu marido que lhe permitiu seguir este caminho?»

«Essa é uma excelente questão e, de facto, eu penso nisso constantemente. Tinha trinta e seis anos quando o meu marido faleceu. No momento do seu prognóstico, eu não era, nem de perto nem de longe, suficientemente forte para o deixar, subconscientemente estava à espera que os miúdos crescessem. No entanto, já tinha passado tantos anos a sonhar com tudo o que faria quando o deixasse que tinha todo o esboço da minha vida sem ele já elaborado, mesmo que não fizesse ideia de como algum dia iria escapar. Por isso é possível, sim, que pudesse ter seguido este caminho mesmo que ele não tivesse falecido com cancro. Mas isso acabou por acontecer mais cedo, suponho. O que me deu mais tempo para criar a empresa, para a conhecer, para a fazer crescer, e crescer com ela. Teria sido diferente se tivesse esperado. E, por muito mau que soe, a morte é um corte definitivo. Não há zonas cinzentas. Não há ambiguidade. É como se fosse uma tela em branco. E isso revelou-se uma grande ajuda para mim em termos de

negociação das inúmeras possibilidades que me surgiram durante aqueles primeiros anos. Não estaria onde estou neste momento, caso ele fosse vivo.»

Josie pressiona o botão de pausa. Está ligeiramente ofegante; sente-se quase exausta. *A morte é um corte definitivo*. Ela olha para Walter, no fundo da sala, para perceber se ele reparou, mas ele está a leste. Ela pressiona *play* e ouve o resto do *podcast*. A mulher de nome Mari possui agora três propriedades em todo o mundo, dá emprego aos seus quatro filhos no negócio de família e é a fundadora da maior instituição de caridade contra a violência doméstica do Reino Unido. No fim do *podcast*, Josie senta-se por momentos e deixa a sua mente absorver tudo o que ouviu sobre a vida extraordinária desta mulher. Depois volta aos resultados do Google e percorre durante algum tempo o *feed* do Instagram de Alix. Ela vê, como sabia que veria, uma enorme cozinha com uma ilha, crianças ruivas em praias selvagens, vistas a partir de arranha-céus em Londres, *cocktails*, gatos e férias de luxo. Os filhos de Alix parecem jovens, provavelmente não têm mais de dez anos, e Josie pergunta-se o que Alix teria feito todos aqueles anos antes; o que se faz quando se tem trinta anos, se não se está a criar filhos? Como se passa o tempo?

Ela para numa fotografia de Alix e do marido. Ele é alto, até mesmo comparado com Alix, que é mais alta do que a maioria das mulheres, e a sua cabeleira espessa de cabelo ruivo parece muito mais vivo do que na realidade sob o efeito de uma espécie de filtro. Na legenda pode ler-se: «Assinalam-se hoje quinze anos desde que entraste na minha vida. Nem sempre foi fácil, mas sempre estivemos unidos», seguida de uma série de *emojis* com corações.

Josie tem contas nas redes sociais, mas não publica nada. A ideia de colocar uma foto sua e de Walter na internet, para que todos vejam e julguem, fá-la sentir nauseada. Mas não se importa nada que os outros o façam. É uma bisbilhoteira assumida. Nunca publica, nunca comenta, nunca põe «gosto». Só observa.

Domingo amanhece quente e pegajoso. Nathan não está ao seu lado na cama e Alix tenta recuperar fragmentos da noite anterior para tentar obter uma ideia do que aconteceu. O *pub*, o champanhe, a tequila, a caminhada até casa pelo parque, falar com os patos da quintinha de animais através da vedação, *quá quá*, Nathan a servir-se de uísque, a gata aninhada no seu colo, o cheiro do difusor aromático da casa de banho do rés do chão misturado com o cheiro do seu vómito, espreitar para os quartos dos miúdos, as pestanas a tocarem nas bochechas, as luzes das mesas de cabeceira, os pijamas, o rosto de Nathan no espelho ao lado do seu, a boca dele no seu pescoço, as mãos nas suas ancas, a querer sexo, NÃO ESTÁS DOIDO OU QUÊ, depois cama. Mas a almofada do lado dele não foi tocada. Será que discutiram? Onde está ele a dormir?

Ela sai da cama e espreita para dentro da casa de banho da suíte. Não está lá. Desce as escadas até ao corredor e ouve a voz dos seus filhos. A televisão da cozinha está ligada, e Eliza está deitada no sofá frente à mesma com a gata deitada sobre o seu peito. Leon está no computador portátil. Há restos de pequeno-almoço espalhados pelo longo balcão creme da cozinha.

– Onde está o pai?

Eliza olha para cima. Encolhe os ombros.

– Leon. Onde está o pai?

Ele retira os auscultadores e semicerra os olhos na direção dela.

– O quê?

– Onde está o pai?

– Não sei.

Alix vai até ao jardim. As lajes do terraço das traseiras já estão quentes sob os seus pés. Nathan não está na oficina, nem no estúdio. Ela retira o seu telemóvel do bolso do pijama e liga-lhe. Começa a chamar.

– Já o viste hoje? – pergunta a Eliza quando regressa à cozinha.

– Népia. Mãe?

– Sim?

– Podemos ir à livraria hoje?

– Sim. Claro. Claro que vamos.

Alix faz café, bebe água e come uma torrada. Ela sabe o que aconteceu e sabe o que esperar. Não acontece há alguns meses, mas ela lembra-se dos contornos, do pesadelo horrível e torturante que é. O prazer da sua noite de aniversário já se desfez na sua memória.

Quando se senta com um segundo café, lembra-se de algo da noite anterior. A mulher da casa de banho que fazia anos no mesmo dia. *Como disse ela que se chamava?* Ou talvez não tenha dito.

Pergunta-se o que a mulher estará a fazer esta manhã. Pergunta-se se o marido dela terá desaparecido silenciosamente a meio da noite, deixando-a acordar sozinha. *Não*, pensa ela, *não, claro que não desapareceu*. Os outros maridos não o fazem. Só o dela.

*

Às quatro da tarde, ele reaparece. Está a usar a mesma roupa que usara na noite anterior. Passa por ela na cozinha para chegar ao frigorífico, de onde retira uma Coca-Cola Diet e bebe sedentamente.

Alix observa-o, esperando que fale.

– Tu apagaste completamente – diz ele. – Eu ainda estava... aceso. Só precisava de...

– Beber mais?

– Sim! Bem, não. Quer dizer, podia beber aqui. Mas só queria, sabes, *sair*.

Alix fecha os olhos e inspira profundamente.

– Estivemos fora a noite inteira. A noite inteira, das seis à meia-noite. Vimos todos os nossos amigos. Estivemos a beber durante seis horas seguidas. Divertimo-nos. Voltámos para casa. Bebeste um uísque. E depois ainda quiseste mais?

– Sim. Acho que sim. Quer dizer... estava muito bêbado. Não estava bem em mim. Só segui os meus instintos.

– Onde foste?

– Ao Soho. O Giovanni e o Rob estavam lá. Só bebi mais uns copos com eles.

– Até às quatro da tarde?

– Arranjei um quarto num hotel.